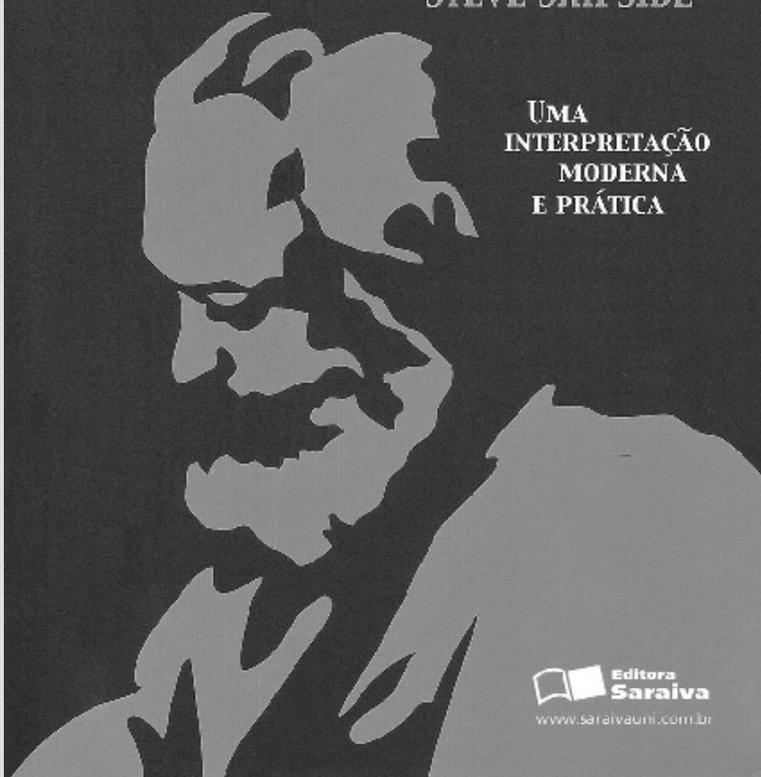


CLÁSSICOS DO
PENSAMENTO
ECONÔMICO

O CAPITAL DE KARL MARX

STEVE SHIPSIDE

UMA
INTERPRETAÇÃO
MODERNA
E PRÁTICA



 Editora
Saraiva
www.saraivauni.com.br

RESENHA

O Capital de Karl Marx

uma interpretação moderna e prática

Agnaldo dos Santos

Professor de Unesp de Marília e
membro do Núcleo de Estudos d'O Capital

O filósofo da dialética abre sua obra-prima com uma frase magistral: “A riqueza das sociedades em que domina o modo-de-produção capitalista apresenta-se como uma *imensa acumulação de mercadorias*”. Isso significa que tudo é transformado em mercadoria, até os instrumentos de luta dos trabalhadores contra essa mesma sociedade. Por isso, o velho Marx não se espantaria em verificar que até o seu *Das Kapital* acabaria por ser apropriado por essa mercantilização da vida; mas certamente ficaria surpreso ao constatar que sua *opus matter* acabou gerando até livro de autoajuda para empresários em tempos de crise econômica...

A Editora Saraiva, especializada em livros para escolas de comércio e gestão, lançou em português um livro de bolso de Steve Shipperside, escritor inglês de livros de negócios, tecnologia e ginástica (!) que se propõe uma tarefa entre o abusado e o hilário: usar as reflexões do militante e pensador alemão para extrair lições de como sobreviver em tempos de capitalismo abalado pela farra do mundo financeiro. Entre outras curiosidades, vale lembrar que se trata de uma edição que compõe a coleção “Clássicos do Pensamento Econômico”, que traz também Adam Smith e Nicolau Maquiavel. Ao contrário do que poderiam sugerir esses títulos, não se trata de obras acadêmicas tampouco se valem de rigor teórico-metodológico para expor as obras dos clássicos em questão, mas apenas usam os nomes desses clássicos como pretextos para elaborar estratégias de sobrevivência individual na selva do mercado.

De fato, um leitor curioso acabará encontrando mais um exemplar de texto de fácil leitura, organizado em breves capítulos com dicas de conduta profissional ao final de cada um deles, ao modo

das diversas revistas destinadas aos candidatos a *self-made man* das classes médias urbanas. Mas alguém poderia fazer uma pergunta pertinente: vale a pena destinar horas de leitura para uma obra dessa natureza? É evidente que caso o leitor esteja interessado em conhecer o pensamento de Marx melhor é ir direto à fonte (principalmente após a publicação dos *Grundrisse* em português), ou pelo menos aos bons comentaristas, que felizmente não são poucos. Mas se estiver disposto a um exercício de compreensão da mente dos que acham que tudo se revolve individualmente e com boa vontade, já que “nada pode substituir o capitalismo”, então a aventura pode ser divertida. A estrutura do livro não deixa dúvidas - estamos no reino da autoajuda. São 52 pequenos capítulos, com títulos do tipo “O capitalismo pode ter uma consciência?”, “Gestão do Tempo - menos é mais” ou “Saia da zona de conforto”, abertos com duas ou três linhas de frases soltas retiradas do *Capital* e “interpretadas” pelo autor. Ele chega até a ser respeitoso com Marx, pois teve como suporte a leitura do ótimo livro de Francis Wheen, *O Capital de Marx - uma biografia*, que destaca sua extrema erudição e os contornos de obra literária atribuída pelo revolucionário à sua mais diletta criação. Mas quando ele se propõe fazer alguma crítica a essas reflexões (vale lembrar, retiradas de forma aleatória), aí notamos que esse abuso não possui muito fôlego. Vejamos alguns exemplos:

Marx não tinha ilusões sobre a exploração capitalista do planeta e de seus povos. Não faltam exemplos desse mesmo processo hoje em dia, como as guerras sangrentas na África por diamantes (...). As coisas não tem que ser dessa forma. Cada vez mais, as empresas consideram o tripé da sustentabilidade ou *Triple Botton Line* (...). Na sua essência, trata-se da ideia de que uma empresa não é apenas responsável perante seus acionistas, mas também perante a todos que ela afeta (...). O tripé da sustentabilidade também é conhecido como três P - *people, planet and profit*, pessoas, planeta e lucro (pp. 29-30).

Nota-se que é um tipo de leitura que cai como uma luva para os manuais de gestão contemporâneos, que pregam a possibilidade de conciliar sustentabilidade socioambiental com economia de mercado. Ele próprio afirma no texto que tal postura não é fruto da necessidade de garantir justiça social e um meio ambiente equilibrado, mas tão somente uma resposta da empresa aos consumidores, uma forma de valorizar a imagem dos produtos no mercado e das ações na bolsa.

Marx registra, já em 1579, uma máquina engenhosa que tecia de quatro a seis peças de fita de uma vez (...). A nova tecnologia era temida, desprezada e atacada mesmo antes da sabotagem das máquinas organizadas por Ned Ludd e pelo movimento ludista (...). Nesse ponto [o ataque ao seu uso e não às máquinas propriamente], Marx era um pouco otimista. Os luditas modernos ainda têm de aprender a fazer essa distinção [entre máquinas e seu emprego] e muitas vezes expressam horror e repugnância pela tecnologia desenvolvida para tornar suas vidas mais fáceis (pp. 43-44).

Ele sugere que é preciso sempre construir processos de consulta e adaptação da mão-de-obra antes de implementar inovações tecnológicas, como se esse fosse o principal problema por trás do ludismo, do passado ou o contemporâneo. Uma boa resposta a essa visão equivocada do ludismo foi dada por Eric Hobsbawn (*Os Trabalhadores - estudos sobre a história do operariado*), que mostrou que esse movimento só foi violento onde a adoção de máquinas resultou em grande desemprego aos trabalhadores. É cômodo atribuir tecnofobia aos trabalhadores, pois assim fica camuflada a dimensão irracional da adoção das máquinas na corrida desenfreada pela reprodução ampliada do capital.

Essa idéia moralista, até mesmo religiosa, do trabalho como algo gratificante por natureza foi percebida por Marx e seu parceiro Friedrich Engels. Em sua sinopse de *O Capital*, Engels ainda salienta que 'para uma sociedade em que prevalece a produção mercantil, o cristianismo, particularmente o protestantismo, é a religião adequada'. Bem, não acredite nisso. Trabalhar duro não é ruim em si mesmo, tampouco é bom - especialmente se isso fizer parte de uma cultura em que trabalhar duro é visto como algo melhor do que trabalhar com inteligência (pp. 74-75).

Aqui, ele ao mesmo tempo faz jus e dá uma bola fora ao comentar a crítica marxista ao trabalho alienado. Pois não se trata de uma crítica abstrata ao trabalho - é notória a leitura que Marx fazia de Hegel sobre o trabalho como dimensão humanizadora -, mas sim do trabalho subsumido à lógica de reprodução do capital que reifica o trabalhador e "humaniza" a mercadoria. E, ademais, se Shippide acha um exagero a afirmação de Engels, seria aconselhável que ele tomasse as afirmações das estrelas do movimento *Tea Party* norte-americano, onde abundam exemplos dessa visão do trabalho como

um fim em si mesmo. Seria possível selecionar outras passagens que ilustram a visão equivocada, ou muito velhaca, do sr. Steven Shipside. Mas podemos poupar os leitores pouco pacientes de muitas outras passagens, selecionando uma que representa a própria essência do livro: ao mostrar como Marx criticava a especialização do trabalhador, que tende a contrair deficiências que são úteis ao ritmo de trabalho industrial, ele sugere que cada um cuide de sua saúde e emplaca: “Ninguém olhando? Ótimo, tente realizar algumas flexões de braço modificadas. Permaneça a um metro de sua mesa, com os pés juntos e as mãos apoiadas na mesa, na largura dos ombros. Mantenha as costas eretas e, reta e lentamente, dobre os cotovelos até que o peito se aproxime da mesa” (p. 89). Qualquer semelhança com Max Gehringer não é mera coincidência...

SHIPSHIDE, Steve. *O Capital de Karl Marx - uma interpretação moderna e prática*. São Paulo, Editora Saraiva, 2010, 189 pp.